



# DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA ERA DAS *FAKE NEWS*

## GT 1 – Cultura, informação e sociedade

**Modalidade da apresentação:** comunicação oral

OLIVEIRA, Sara Mendonça Poubel de<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma breve discussão a respeito do papel do profissional da informação diante da explosão de notícias falsas que circulam a internet na atualidade. Apoiando-se em conceitos como “desinformação”, “competência em informação” e “pós-verdade”, esta pesquisa tem como objetivo geral apresentar exemplos empíricos de notícias falsas; e como objetivos específicos, discutir questões como a da inclusão digital e expor a missão do bibliotecário no presente. A partir desta pesquisa bibliográfica e exploratória, ficou evidente a necessidade de aprofundar as pesquisas nesta temática dentro da Ciência da Informação, uma vez que a Sociedade da Informação veio para ficar.

**Palavras-chave:** Desinformação. Sociedade da informação. Pós-verdade. *Fake news*. Disseminação da informação.

## *DISSEMINATION OF INFORMATION ON THE FAKE NEWS ERA*

**Abstract:** This article proposes a brief discussion regarding the role of the information professional in the face of the boom of false news circulating in the internet nowadays. Relying on concepts such as "disinformation", "competence in information" and "post-truth", this research has as general objective, to present empirical examples of false news; and as specific objectives, to discuss issues such as digital inclusion and to expose the librarian's mission in the present. From this bibliographic and exploratory research, the need for further research on this subject within the information science became apparent, once the society of information is here to stay.

**Keywords:** Disinformation. Information Society. Post truth. Fake news. Information dissemination.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduanda em Biblioteconomia e Documentação pela UFF, e-mail: sara\_poubel@id.uff.br



O conceito de informação tem sofrido mudanças diárias desde sua valorização após as guerras do século XX. A Ciência da Informação — ciência interdisciplinar, cujas origens vertem da revolução técnico-científica do pós-guerra (SILVA; SAMPAIO, 2017) —, vem caminhando lado a lado na evolução histórica da informação e das tecnologias. Do pós-guerra às *fake news*, a disseminação da informação vem passando por mudanças drásticas. Cartas, telegramas, *e-mails*, ligações telefônicas, troca de mensagens via *Whatsapp*, uma gama de vetores tecnológicos envolvidos e um profissional, em meio a poucas profissões, capaz de lidar com tais variações. Mas o profissional da informação sabe se posicionar perante ao *boom* das notícias falsas na atualidade? Ele está preparado para lidar com essas informações enganosas não apenas em relação ao seu usuário, mas em relação a si próprio?

Levando em consideração a explosão de notícias falsas na internet, a questão do letramento informacional e inclusão digital, este artigo tem por objetivo principal, discutir a disseminação de informações falsas na internet, especialmente em mídias sociais; e como objetivos específicos, apresentar maneiras de identificar tais informações e abordar a função do bibliotecário em meio ao cenário caótico que tem se instalado na atualidade.

A pesquisa apresentada é do tipo bibliográfica e exploratória, composta de dois eixos: análise textual a partir de levantamento bibliográfico acerca dos temas relacionados à pesquisa e observação empírica de algumas notícias falsas que circularam na internet brasileira entre 2017 e 2018. Segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória é aquela que busca “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. É o método de pesquisa mais utilizado quando “o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27).

## 2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOS SUPORTES DE INFORMAÇÃO

Computadores de mesa, *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, *e-books*, entre outros suportes informacionais não existiriam hoje caso as guerras do século XX não tivessem acontecido. De maneira similar, ciências como a da Informação e a Comunicação não teriam se desenvolvido da maneira como se desenvolveram se o cenário político e bélico do século passado fosse diferente.



Segundo Barreto (2007, p. 22 apud NASCIMENTO; FREIRE, 2014, p. 30),

em 1946, um ano após o término da segunda guerra foi realizada em Londres a “Royal Empire Society Scientific Conference”, onde se discutiu a importância da informação, mas que levou à realização em 1948 da Royal Society Scientific Information Conference. [...] O primeiro curso pós-graduação em de ciência da informação na The City University, anteriormente o Northampton College of High Technology, em 1952, foi criada pelo grupo dos cientistas da informação o Classification Research Group em 1962 no Georgia Institute of Technology.

De acordo com Nascimento e Freire (2014), os avanços tecnológicos mais marcantes e que vieram a fomentar o desenvolvimento científico, tecnológico e da Ciência em si, surgiram em momentos hostis para a humanidade. Se por um lado a sociedade criava armas para destruição em massa, por outro, criava artefatos úteis à vida doméstica. A Primeira e a Segunda Guerra, assim como a Guerra Fria, deixaram como legado para a sociedade atual, inúmeras inovações tecnológicas que são essenciais às práticas diárias do século XXI. Invenções como ligações de longa distância, linguagem de programação, avanços computacionais e a internet (LUIZA; SOUSA, 2017) surgiram nos períodos mais conturbados da humanidade. Graças ao período de conflitos entre as nações, segundo Nascimento e Freire (2014, p. 32), acontece o “desenvolvimento de artefatos e tecnologias que ampliaram o poder de se comunicar, como o radar, os computadores e a Arpanet, da qual se origina a internet”. Surge o primeiro computador do mundo, o Colossus Mark 1, entre 1943 e 1945. Segundo Morimoto (2011), “o primeiro computador digital programável foi [...] usado pelos ingleses durante a segunda guerra para decodificar mensagens secretas dos alemães”.

Os conteúdos informacionais passaram a circular em maior quantidade e de modo mais rápido, em suportes que logo se tornam obsoletos ao passo que novas tecnologias foram sendo desenvolvidas, fazendo com que, fosse pensada a recuperação da informação dentro desse novo padrão tecnológico (NASCIMENTO; FREIRE, 2014, p. 32).

Neste contexto, “a informação começava a emergir de forma cada vez mais latente como um elemento possível de ser estudado em sua essência, e na relação com outros elementos, tanto sociais quanto tecnológicos” (NASCIMENTO; FREIRE, 2014, p. 33) e

no período de crise e de transformações pós-guerra, a CI ganha destaque com o aumento do número de produção científica e com a importância sobre seu tratamento e disseminação das informações. Então, a tecnologia da informação ganha espaço como “divisor de águas” por participar desse momento em que a informação obtém *status* de controle e poder na sociedade (SILVA; SAMPAIO, 2017, p. 8, grifo do autor).



A partir de todas essas mudanças, a humanidade adentra um período chamado pelos teóricos de Sociedade da Informação.

Para a sociedade da informação, as contribuições que a Ciência da Informação, tem dado não se limitam aos interesses apenas da área, exatamente pela relação interdisciplinar que ela esboça, principalmente porque essa sociedade tem uma presença forte das tecnologias e a circulação e o uso intenso de informação é constante pelos atores sociais (NASCIMENTO; FREIRE, 2014, p. 36).

Neste período informacional, através da internet e seu uso em grande escala, surgem conceitos como “desinformação” e outros aspectos que vão contra a ideia de desenvolvimento apresentada até aqui.

### 3 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO OU SOCIEDADE DA DESINFORMAÇÃO?

O aumento da circulação de notícias falsas na internet tem levantado expressões como “pós-verdade”, “*fake news*” e “desinformação”, fato que tem posto em xeque a veracidade e fidedignidade das informações dispostas na web, que acabam sendo combustível para elaboração de opiniões e pensamentos baseados em fatos não verídicos (LEITE; MATOS, 2017, p. 2336). Em 2016, a *Oxford Dictionaries* escolheu o termo *post-truth* como palavra do ano, considerando seu uso no cenário político norte-americano. A palavra pós-verdade, traduzida para o português, está relacionada ou indica “circunstâncias no qual fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apela à emoção e crença pessoal<sup>2</sup>” (Word of..., 2016). Segundo Leite e Matos (2017, p. 2336), a desinformação ocorre quando o indivíduo perde o senso crítico, “gerando uma mecanização no comportamento dos indivíduos acerca da informação, de modo que acabam se comportando como propagadores de uma onda de ‘poluição informacional’”. De acordo com Corrêa e Custódio (2018, p. 3), o conceito de pós-verdade refere-se “aos eventos em que a opinião pública e os comportamentos são orientados mais pelos apelos emocionais, falaciosos ou subjetivos, afirmados pelas suas convicções pessoais, do que em fatos verídicos e atestados”, ou seja, acontece quando um indivíduo valoriza mais suas crenças pessoais ao analisar um fato, do que o fato em si. O indivíduo escolhe crer naquilo que satisfaz suas convicções ao invés de guiar-se pelo senso crítico. Segundo Castilho (2016), a pós-verdade é “um fenômeno que já começou a mudar nossos comportamentos e valores em relação aos conceitos tradicionais de verdade, mentira, honestidade e desonestidade, credibilidade e dúvida”. Para Castilho (2016),

<sup>2</sup> Do original “Relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief”.



“o mundo contemporâneo está substituindo os fatos por indícios, percepções por convicções, distorções por vieses”.

A pós verdade, um termo já incorporado ao vocabulário da mídia mundial, é parte de um processo inédito provocado essencialmente pela avalanche de informações gerada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) (CASTILHO, 2016).

De acordo com Miranda et al (2000), na Sociedade da Informação e no Brasil do futuro, o indivíduo torna-se o motivo pelo qual conteúdos são produzidos na Internet. Além de receptor da informação, o indivíduo atua também como agente informacional, “livre de escolher o conteúdo, interagir com ele, independentemente do espaço e do tempo em que se localizam o usuário e os conteúdos” (MIRANDA ET AL, 2000, p. 10). Segundo Borges (2008, p. 179),

a Sociedade da Informação e do Conhecimento é reconhecida pelo uso intenso da informação, do conhecimento e das tecnologias da informação e da comunicação, na vida do indivíduo e da sociedade, em suas diferentes atividades. É também identificada pela utilização de computadores no tratamento de dados, nas redes de comunicação, na automação dos processos produtivos, no uso da informação e da tecnologia da informação. Tem na informação e na tecnologia da informação e da comunicação um dos seus principais elementos de transformação dos avanços e descobertas em conhecimento e inovação.

Corroborando a visão apresentada por Miranda et al (2000), Borges (2008, p. 183) afirma que “o usuário da informação pode ser o produtor ou o gerador de informação, além de ser o seu controlador”.

As tecnologias móveis de comunicação e informação vêm possibilitando novas formas de sociabilidade e de propagação da informação remetendo a outras percepções dos espaços urbano e virtual e possibilitando a formação de redes sociais móveis em nossa sociedade atual (HENRIQUES, 2014, p. 212).

Porém, a informação gerada nem sempre é verdadeira. Segundo Miranda et al (2000, p. 4), é impossível prever e controlar o que virá a circular em forma de conhecimento, uma vez que é inerente aos

elementos estruturais da Sociedade da Informação, sobretudo pelo avanço extraordinário da convergência tecnológica entre informática, comunicações e eletrônica, a incontabilidade da produção e circulação de conhecimento.

A informação deve ser de livre acesso (inclusive assegurado por lei), onde toda e qualquer pessoa pode consumir e gerar informações, principalmente no ambiente digital, porém o que acontece quando as informações geradas são falsas?



### 3.1 DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS NA INTERNET

De acordo com Moretzsohn (2017, p. 302), o comportamento típico dos usuários da internet se resume ao “compartilhamento de informações sem qualquer preocupação com a veracidade, que resulta na disseminação de boatos ou de trucagens assumidas como verdadeiras”. Preocupante, no mínimo. Surgem então as *fake news*, informações falsas no formato de notícias, veiculadas em grande parte na internet, mais especificamente em redes sociais, como por exemplo o *Whatsapp*, como afirma Gragnani (2018). Notícias falsas têm sido espalhadas há muito tempo, inclusive no meio científico. Sousa (2017) cita como exemplo, a revolta da vacina do início do séc. XX e os casos de microcefalia em bebês causados pelo surto de zika vírus que ocorreu no Brasil em 2017, quando informações equivocadas foram espalhadas na internet para desinformar a população. De acordo com Sousa (2017, p. 2394), “as notícias falsas fazem apelo às emoções e às crenças coletivas e individuais” e são, portanto, manipulações intencionais cujo objetivo final pode variar. Em outubro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral, ordenou que fossem retirados do ar 33 links com notícias enganosas contra Manuela D’Ávila, na época, candidata à vice-presidência da República. Segundo Brígido e Souza (2018, grifo do autor), “o alcance das **notícias falsas** chega a 146.480 compartilhamentos e 5.190.942 visualizações”. Um dos maiores objetivos dos criadores de notícias falsas atualmente é o campo político.

Uma pesquisa feita pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital, da USP (Universidade de São Paulo) acerca da disseminação de notícias falsas na web sobre a vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018, demonstrou que a maioria das pessoas receberam notícias falsas através do *Whatsapp*. Grande parte dessas notícias vinculava Marielle a Marcinho VP — Márcio dos Santos Nepomuceno, presidiário condenado por tráfico de drogas em 1997 —, por meio de uma imagem falsa onde ambos apareceriam juntos. “A imagem que mostraria Marielle no colo de Marcinho VP foi recebida por 229 pessoas que responderam ao questionário<sup>3</sup> - 41% delas disseram ter recebido a foto em grupos de família” (GRAGNANI, 2018). Segundo Gragnani (2018), “os boatos sobre Marielle começaram a ser espalhados pelo WhatsApp na mesma noite em que ela foi

<sup>3</sup> A pesquisa da USP foi feita através de um questionário. Foram obtidas 1.145 respostas. Não tivemos acesso ao questionário mencionado.

assassinada”. Em um artigo para a revista digital Vice, Declercq (2017) listou as notícias falsas mais estranhas que circularam pela internet brasileira em 2017. Os destaques são: “Gilmar Mendes mandou cancelar o BBB17”, “Governo de Goiás está distribuindo bonecas com órgãos sexuais trocados”, “Pablo Vittar ganhará programa infantil com o apoio da Lei Rouanet”, “PSOL quer Pablo Vittar como candidato à presidência em 2018”, “Escola estadual obriga alunos a participar de exposição que defende pedofilia e suicídio”, “EUA e ONU sugerem intervenção militar no Brasil”, entre outras notícias absurdas. Segundo Gragnani (2018), uma das principais características das notícias falsas é o fato de não conter autoria nem fonte.

A complexidade envolvida na relação do usuário com as notícias falsas e boatos disseminados nas redes sociais, em função da ausência ou diluição da autoria dos textos requer que a mediação não atue apenas como uma interferência emprenhada em esclarecer os fatos, mas também para o desenvolvimento de habilidade nos usuários que possibilite uma análise crítica da informação recebida e compartilhada (SOUSA, 2017, p. 2398).

FIGURA 1 - Exemplo de informação falsa sobre Marielle Franco



Fonte: e-farsas.com (2018)

Existem sites especializados na criação de notícias falsas. Geralmente, estes sites possuem diversos anúncios (conhecidos como *clickbaits*), que monetizam os sites e manchetes chamativas e/ou polêmicas. Segundo Martins (2017),

as notícias falsas (ou pós-verdades) são criadas, na maioria absoluta das vezes, para a obtenção de lucro. Quanto mais visualizações do seu site, mais cliques e mais ganhos, os quais podem chegar a milhares de dólares. Este mecanismo é seguido por outras empresas como o Facebook.

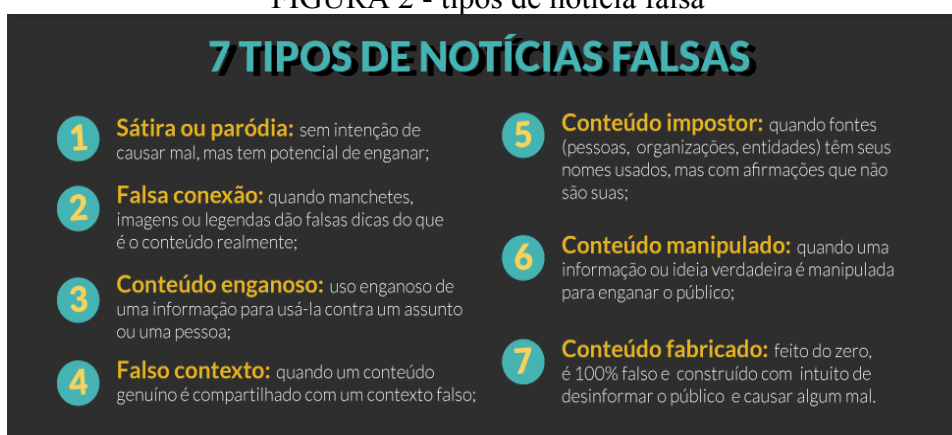
A notícia falsa pode também se originar de um boato ou fofoca. Silveira, Sanchotene e Lavarda (2017, p. 102) conceituam boato como um “tipo de informação não confirmada que

se propaga em rede e que circula com o objetivo de ser verdadeira”. Os autores afirmam ainda existir diversos tipos de boatos. De acordo com eles, existem

os propagadores de boatos podem ser estritamente egoístas (se favorecem prejudicando alguém), egoístas (atraem leitores ou internautas através de boatos), altruístas (quando estão ligados a alguma espécie de causa) e maldosos (que espalham com o intuito de prejudicar os outros, sem favorecimento a si ou a uma causa) (SILVEIRA; SANCHOTENE; LAVARDA, 2017, p. 102).

Segundo o portal de educação política Politize!, existem sete diferentes tipos de notícia falsa, cada um com uma finalidade específica.

FIGURA 2 - tipos de notícia falsa



Fonte: politize.com.br (2018)

### 3.1.1 ORIENTAÇÕES PARA IDENTIFICAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS NA INTERNET

Em resposta à explosão de notícias falsas na rede — que podem inclusive ter influenciado a eleição presidencial norte-americana, de acordo com estudo estadunidense (TRUMP...2018) —, algumas organizações como IFLA — Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias —, Senado Federal Brasileiro, entre outras, começaram a divulgar infográficos cuja função é auxiliar na identificação de notícias enganosas na web. As orientações versam sobre checar a fonte e data das notícias, ler além do título e se certificar de que a notícia não se trata de uma piada (no caso de sites como o *Sensacionalista*).

FIGURA 3 - Orientações contra boatos na internet





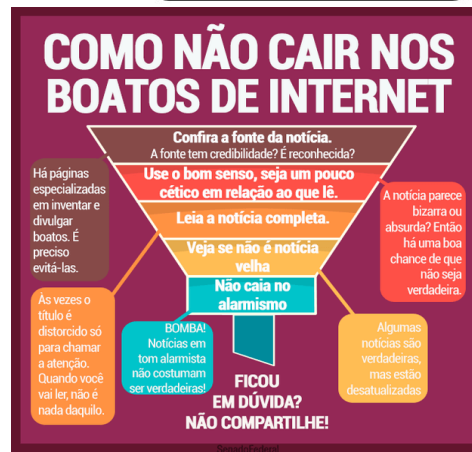
Fonte: Conselho Nacional de Justiça

FIGURA 4 - Orientações contra notícias falsas



Fonte: IFLA

FIGURA 5 - Orientações contra boatos de internet



Fonte: Senado Federal

Além dos esforços destas instituições, surgiram as chamadas agências de *fact-checking*, agências que contam com diversos profissionais da área de Comunicação para checar a veracidade de notícias que percorrem as redes. A Lupa foi a primeira agência especializada em *fact-checking* no Brasil (QUEM...2018).

#### 4 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO, COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E *FAKE NEWS*

A disseminação da informação na Biblioteconomia sempre esteve associada à mediação da leitura. A mediação é um fazer intrínseco ao bibliotecário, uma vez que ela nada mais é que dar acesso à informação da maneira mais pertinente possível. De acordo com Salcedo e Silva (2017, p. 23), o bibliotecário deixou de trabalhar apenas nos ambientes tradicionais e foi se aventurar em outros ambientes também conectados à informação de alguma forma, como por exemplo “empresas privadas, bancos e bases de dados digitais, portais de conteúdo e em redes institucionais internas”. Entretanto, em nenhum momento a mediação deixou de existir. “A mediação da informação, portanto, [...] encontra-se em todo e qualquer fazer do bibliotecário” (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 28).

A atuação do bibliotecário está voltada para o aspecto social e para o caráter histórico, segundo Corrêa e Custódio (2018). O aspecto histórico do papel do bibliotecário acompanha a evolução dos suportes de informação registrada até as mais recentes alterações apresentadas pela cultura digital (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018). Desde sempre “[...] os problemas em relação à filtragem de informação relevante, bem como o uso crítico da informação, permanecem desafiadores ao bibliotecário ao longo da história da humanidade” (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 6), porém, hoje esses problemas se intensificam.



Corrêa e Custódio (2018, p. 3) afirmam que o contexto atual de viralização de notícias falsas e pós-verdades na internet,

aponta a urgente necessidade de desenvolver habilidades para o acesso e uso da informação a fim de distinguir verdadeiras e falsas, bem como adquirir uma maior consciência social em relação à responsabilidade cidadã de replicar informações verídicas advindas de fontes consideradas fidedignas.

Em meio às notícias falsas que circulam hoje na mídia, mais do que nunca, o bibliotecário deve não só dominar a competência em informação, como deve passá-la adiante. “Na sociedade da informação os sujeitos que possuem habilidades e competências em buscar, acessar, recuperar, compartilhar e se apropriar da informação, destacam-se em relação a outros sujeitos (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014, p. 38). Esse conjunto de habilidades é denominado por Pinheiros e Ferrez (2014) como “competência em informação”. Já Cunha e Cavalcanti (2008, p. 95) utilizam o termo “competência informacional” como sinônimo de “alfabetização informacional” para referirem-se a este conjunto de habilidades específicas. Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 95), o termo “alfabetização informacional” significa o

conjunto de competências que uma pessoa possui para identificar a informação, manipular fontes de informação, elaborar estratégias de busca e localizar a informação, bem como avaliar as fontes de informação. A **competência em informação**, considerada como um processo que tem por finalidade desenvolver competências e habilidades informacionais para aprimorar o pensamento crítico e analítico das pessoas em relação ao universo informacional, pode ser implementada e desenvolvida em bibliotecas por meio de programas com o apoio de mediadores - bibliotecários e professores. Por ser um processo que envolve o desenvolvimento e aprimoramento de atitudes relativas à busca, recuperação, avaliação e disseminação da informação, a mediação da informação é inerente à competência em informação, já que é uma ação de interferência (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 61 apud CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 13, grifo nosso).

É necessário que os profissionais da informação tenham em mente que “[...] o modo com que a informação é utilizada e apreendida pode transformar o cidadão, tornando-o mais consciente e crítico da sua realidade social” (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014, p. 50).

Ao se apropriar da informação e desenvolver-se cognitivamente, o usuário assume um papel atuante na sociedade, já não é passivo aos fenômenos sociais, mas participante, crítico e modificador das circunstâncias que o contorna (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014, p. 39).

O momento atual da pós-verdade aliada às notícias falsas, forma um cenário caótico e prejudicial à sociedade como um todo, porém surge a oportunidade de o bibliotecário apresentar suas habilidades.



A constatação desse cenário apresenta-se como uma oportunidade ímpar para que o bibliotecário exerça sua profissão focado em sua missão de contribuir para a construção de uma sociedade melhor informada e, conseqüentemente, com melhor qualidade de vida (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 9).

Para Corrêa e Custódio, 2018 p. 15-16),

[...] a missão do bibliotecário nos dias de hoje, disposto de um leque infinito de interagentes com acesso aos mais diversificados conteúdos online deve ser repensada em torno de uma nova configuração de competências direcionadas a esta realidade, caracterizada por um contexto político, econômico, social e cultural específicos da era da pós-verdade e que possam prover às comunidades respostas às suas demandas informacionais. [...] O bibliotecário facilita a formação de cidadãos autônomos para a busca e acesso à informação e, o mais importante, conscientes e críticos para sua utilização visando não somente o proveito próprio mas também o bem comum. Bibliotecários influenciam na maneira como as pessoas consomem o conhecimento e constroem novos saberes, e, por isso, precisam estar munidos de ferramentas úteis contra notícias falsas. Devem, assim, aprender a aprender para, posteriormente, multiplicar esse conhecimento e transformar cada interagente de sua comunidade em um novo multiplicador (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 15-16).

“Independente da sua especialidade, do suporte informacional e do local onde ele trabalha, o bibliotecário é um mediador – submetendo os processos técnicos em favor da disseminação da informação” (SALCEDO; SILVA, 2017, p. 29), isso inclui não apenas informação científica, como todo o tipo de informação possível. Segundo Santos, Duarte e Lima (2014, p.46), a “missão do bibliotecário [...] é permitir o acesso à informação, independente das origens dos sujeitos, suas crenças, etnia, posição economia, profissão, ou qualquer outro aspecto social”.

Para Corrêa e Custódio, a melhor maneira que os bibliotecários têm de fazer cumprir sua missão ao que diz respeito ao uso crítico da informação é “tornar-se um **mediador** no desenvolvimento da competência em informação em sua comunidade” (2018, p. 13, grifo nosso), evitando assim o surgimento de pós-verdades e munindo o indivíduo de habilidades para encontrar informação pertinente às suas necessidades, uma vez que “auxiliar sua comunidade a desenvolver habilidades para o uso crítico da informação talvez seja uma das ações mais importantes do bibliotecário nos dias atuais” (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 14). Essas ações não precisam necessariamente serem feitas apenas no âmbito profissional do bibliotecário, durante seu período de trabalho, mas também socialmente. Para Santos, Duarte e Lima (2014, p. 37),



os bibliotecários, enquanto mediadores da informação, devem estar qualificados para auxiliar os sujeitos a desenvolverem uma visão crítica, a fim de tornarem-se atuantes nesse processo de forma proveitosa.

Para cumprir esta função,

o bibliotecário precisa não apenas migrar suas competências técnicas para o ambiente digital, adaptando seus saberes em uma nova configuração mais adequada ao contexto atual, criando novas propostas de organização da informação digital (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 12).

O bibliotecário, enquanto mediador da informação, também deve atuar nos ambientes virtuais, ampliando as atividades desenvolvidas nos ambientes físicos das bibliotecas, facilitando o acesso e uso da informação nesses ambientes. Esse profissional da informação além de permitir a inclusão social dos sujeitos, também deve atuar na inclusão digital, permitindo o acesso às tecnologias, como também favorecendo o desenvolvimento de habilidades e competências associadas ao uso dessas (SANTOS; DUARTE; LIMA, 2014, p. 39).

As práticas dos bibliotecários contra notícias falsas devem ser constantes e aplicadas à toda e qualquer situação, seja para com um usuário da biblioteca ou para com um parente mal informado.

## 5 CONCLUSÃO

O referido artigo buscou discutir o papel do bibliotecário à luz das *fake news* e desinformação na atualidade, abordando aspectos como evolução da Ciência da Informação, o desenvolvimento dos suportes de informação, o conceito de pós-verdade, assim como o surgimento da chamada Sociedade da Informação, que está relacionado ao conjunto de habilidades conhecido como competência em informação. Como dito anteriormente, o bibliotecário possui as habilidades necessárias para combater as notícias falsas, porém esse combate não pode acontecer apenas no contexto de trabalho (bibliotecas, por exemplo). Conversar com amigos e parentes, desmentir boatos na internet, sugerir sites de checagem de fatos, entre outras ações, se inserem no leque de atitudes cabíveis aos bibliotecários no embate às *fake news*. Faz-se necessário destacar a necessidade de aprofundamento em pesquisas na temática tratada neste trabalho, em especial voltada para nichos como o da política, tendo em vista a brevidade deste artigo e a complexidade do assunto.

## REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO INFORMACIONAL. In: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R.O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 451p.



BORGES, Maria Alice Guimarães. A informação e o conhecimento como insumo ao processo de desenvolvimento. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/13154>>. Acesso em: 25 maio 2018.

BRÍGIDO, Carolina; SOUZA, André de. TSE manda Facebook tirar do ar 33 links com notícias falsas contra Manuela D'Ávila. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/tse-manda-facebook-tirar-do-ar-33-links-com-noticias-falsas-contramanuela-davila> 23141134?utm\_source=Facebook&utm\_medium=Social&utm\_campaign=O%20Globo>. Acesso em: 15 out. 2018.

CASTILHO, Carlos. Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade. **Observatório da Imprensa**, n. 921, 2016. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>> Acesso em: 4 jun. 2018.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTODIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/29466>>. Acesso em: 25 maio 2018.

DECLERCQ, Marie. As fake news mais bizarras que circularam pelas redes brasileiras em 2017. **Vice**. [s.l.], 21 dez. 2018. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/wjpd7b/as-fake-news-mais-bizarras-que-circularam-pelas-redes-brasileiras-em-2017](https://www.vice.com/pt_br/article/wjpd7b/as-fake-news-mais-bizarras-que-circularam-pelas-redes-brasileiras-em-2017)>. Acesso em: 4 jun. 2018.

HENRIQUES, Sandra. As Manifestações no Brasil e a formação de redes sociais móveis no contexto da sociedade atual. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 211-226, maio 2014.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, p. 26-32, 2008.

GRAGNANI, Juliana. Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp. **BBC Brasil**. Londres, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares; MATOS, José Claudio Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l.], v. 13, n. 00, p. 2334-2349, 2017.

LUIZA, Ana; SOUSA, Luiza. **Guerra Fria e Tecnologia**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<https://minionupucmg.wordpress.com/2017/08/29/guerra-fria-e-tecnologia/>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

MARTINS, Alexandra. Na web, 12 milhões difundem fake news políticas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 17 set. 2017. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,na-web-12-milhoes-difundem-fake-news-politicas,70002004235>>. Acesso em: 4 jun. 2018.



MIRANDA, Antônio Lisboa Carvalho de., et al. Os conteúdos e a sociedade da informação no Brasil. **DataGramaZero**, v. 1, n. 5, p. 1-16, out. 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1221>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 294-306, nov. 2017.

MORIMOTO, Carlos E.. **A História da informática: Sistemas embarcados e supercomputadores**. 2011. Disponível em: <<https://www.hardware.com.br/guias/historia-informatica/eniac.html>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

NASCIMENTO, Deise Santos do; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Os caminhos da Ciência da Informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 29-38, 2014.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; FERREZ, Helena Dodd. **Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação**. Rio de Janeiro; Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), 2014.

QUEM SOMOS. **Lupa**. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/quem-somos/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SALCEDO, Diego Andres; SILVA, Jhoicykelly Roberta Pessoa e. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB: Associação Catarinense de Bibliotecários**, Santa Catarina, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 23-30, mar/dez, 2017.

SANTOS, Raquel do Rosário, et al. The role of librarian as an information mediator in digital and social inclusion processes. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. Esp., p. 36-53, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/14790>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SOUSA, Amanda Moura de. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós-verdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l], v. 13, n. esp., p. 2390-2402, 2017.

SILVA, Edcleyton Bruno Fernandes da; SAMPAIO, Diogo Araújo. O boom informacional: a tecnologia e a gênese da Ciência da Informação. **Bibliocanto**, Natal, v. 3, n. 2, p. 3-16, 2017.

SILVEIRA, Ada C. Machado da; SANCHOTENE, Carlos; LAVARDA, Suélen de Lima. Quando as Notícias mais Compartilhadas são Falsas: a Circulação de Boatos durante a Semana do Impeachment no Facebook. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Go, v. 20, n. 3, p. 99-112, out./dez. 2009.

WORD OF THE YEAR 2016 IS. **Oxford Dictionaries**. 2016. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em 15 out. 2018.